

Resenha

O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação

Maria Alda de Sousa Alves

*Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC
Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Sociologia -
UNILAB*

*Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Relações Étnico-Raciais,
Gênero e Educação - GERE/UECE/UNILAB
aldasousa@unilab.edu.br*

Michely Peres de Andrade

*Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco
UFPE*

*Professora Adjunta do Curso de Ciências Sociais da Universidade
Estadual do Ceará - UECE
Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Relações Étnico-Raciais, Gênero
e Educação - GERE/UECE/UNILAB
michely.andrade@uece.br*

Anderson Souza Oliveira

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UECE
Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Relações Étnico-Raciais, Gênero
e Educação - GERE/UECE/UNILAB
souza.oliveira@aluno.uece.br*

“O Movimento Negro é um educador”, eis a frase introdutória deste instigante livro de Nilma Lino Gomes (2017, p. 13), que convida o leitor a problematizar e desvelar questões intrinsecamente presentes na constituição da sociedade brasileira.

É por meio do Movimento Negro brasileiro, espaço político e educativo, que nascem as lutas por emancipação social. Assim, a autora expõe sua crítica ao paradigma da democracia racial e põe em discussão temas como racismo, discriminação racial, desigualdade racial, igualdade racial, gênero, juventude, ações afirmativas, africanidades e educação das relações étnico-raciais, entre outros.

O prefácio do livro é de autoria de Boaventura de Sousa Santos, cuja influência perpassa toda a obra da autora. Não por acaso, haja vista ter sido Gomes (2017) uma de suas mais brilhantes orientandas de pós-doutorado – para ela se não fosse à luta do Movimento Negro, em suas diferentes formas de expressão e organização, e em meio a tensões, desafios e limites, muito do que sabemos hoje sobre a questão racial e africana não teria sido aprendido. A própria perspectiva crítica e emancipatória das teorias sociais e até as políticas de promoção de igualdade racial não teriam sido desenvolvidas e efetivadas em nossa sociedade.

Gomes (2017) enfatiza nesse livro a riqueza epistemológica do Movimento Negro tendo como centro a educação. O movimento é educador justamente porque tem a potencialidade de gerar novos conhecimentos, não só fortalecendo as lutas sociais e constituindo novos atores políticos, mas contribuindo para que a sociedade se aproprie de outros conhecimentos enriquecendo-a em sua totalidade. Dessa forma, a pedagogia e a epistemologia são duas dimensões de um mesmo processo, como bem prefacia Boaventura de Sousa Santos, e o próprio enriquecimento cognitivo da sociedade ocorre tanto por meio da chamada *sociologia das ausências*, ou seja, da revelação e denúncia de realidades e atores silenciados, como através da *sociologia das emergências*, a revelação-potência de novos conhecimentos e de outras dimensões da emancipação social.

A autora enfatiza a potencialidade dessas categorias de análises, ressignificando-as por meio da construção de pedagogias das ausências e das emergências. Ao mesmo tempo, ela indaga:

- O que a pedagogia, as ciências humanas e as ciências sociais teriam a aprender com o Movimento Negro?
- O que ensinam os cursos de formação de professores e professoras sobre esse movimento e suas demandas por educação?
- Como os currículos têm apreendido os processos educativos construídos historicamente pelo Movimento Negro?
- A pós-graduação dialoga com esses aprendizados?

Estas são perguntas que orientam o livro, no qual a autora mostra que as estratégias de conhecimentos desenvolvidas pela população negra e a diáspora africana, atualmente

observadas em disciplinas de ciências humanas e ciências sociais, só alcançaram o devido valor epistemológico e político em razão da atuação do Movimento Negro. Também foi por meio das lutas emancipatórias nascidas nesse movimento social que se pôde ver o protagonismo de atores sociais em sua reivindicação por políticas de ações afirmativas, compreendidas como políticas de correção das desigualdades raciais desenvolvidas pelo Estado brasileiro. Graças à atuação do Movimento Negro passamos a observar e valorizar a arte, a corporeidade, o cabelo crespo, as cores da África no campo da estética, da beleza, do reconhecimento e da representatividade da população negra que compõe esse país - algo em torno de 53% de pessoas.

O livro *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*, publicado em 2017, contém 7 preciosos capítulos.

No Capítulo 1 a autora contextualiza o leitor acerca do Movimento Negro brasileiro como um ator político. Este movimento é responsável por trazer à cena pública o debate sobre o racismo, indagando as políticas públicas e o compromisso de Estado com a superação das desigualdades raciais. É por meio desse movimento social, reforça a autora, que se ressignifica e se politiza a raça, conferindo-lhe um viés emancipador e não inferiorizante.

Ao ressignificar a raça, adverte Gomes (2017), o Movimento Negro problematiza a própria história do Brasil e da população negra em nosso país, constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar de que forma o racismo brasileiro opera tanto na estrutura do Estado, como também na vida cotidiana de suas próprias vítimas. À medida em que a raça é politizada pelo Movimento Negro há um desvelamento de sua construção no contexto das relações de poder, superando visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros em nossa sociedade, sua história, sua cultura, suas práticas e seus conhecimentos. Dessa forma, a raça é interpretada afirmativamente e como construção social, pondo em discussão o mito da democracia racial presente nas teorias sociológicas.

Na dialética entre teoria e práxis, Gomes (2017) adverte que, mais do que a valorização da presença e participação dos negros na história e na cultura brasileira, é preciso que as ações desse movimento social possam fazer-se presentes de modo explícito em diferentes espaços, visando o combate ao racismo. Nesse sentido, a educação é o campo escolhido para as reflexões da autora, haja vista ser um direito social conquistado arduamente pelos grupos sociais não hegemônicos em nossa sociedade. O Movimento Negro constitui um direito conquistado pela população negra ao longo de centenas de anos, mais precisamente a partir do século XX.

No Capítulo 2, intitulado *Pedagogias que emergem*, Gomes (2017) ressignifica as interpretações de Boaventura de Sousa Santos no que toca a sociologia das ausências, cujo objetivo é transformar ausências em presenças e a sociologia das emergências, que visa substituir o vazio do futuro conforme o tempo linear por um futuro de possibilidades abertas e plurais. É a partir dessas sociologias que a autora desenvolve procedimentos

teórico-epistemológicos denominados *pedagogias das ausências e das emergências*, com o intuito de fazer emergir o protagonismo do Movimento Negro na relação educação e movimento sociais. Parte-se do pressuposto de que o Movimento Negro tem se constituído como um dos principais mediadores entre a comunidade negra, o Estado, a sociedade, a escola básica e a universidade.

No Capítulo 3 mostra como o Movimento Negro contemporâneo se coloca na historiografia. Visualiza-se a força que o coletivo vem ganhando na sociedade brasileira desde a década de 1970. Entretanto, a autora indica como a luta dos povos negros é muito anterior, remetendo ao século XVII, com Zumbi dos Palmares, entre outros. A história ocidental, por sua vez, em constante negação da trajetória de lutas da população negra, tenta invisibilizar o seu protagonismo. Neste ponto, Gomes (2017) enfatiza o local e a importância desse ator político na história do Brasil. A escola se torna uma grande aliada nessa luta, embora a teoria educacional continue desperdiçando saberes cruciais que se desenvolvem no campo de atuação do Movimento Negro, reiterando a tensa relação entre a ciência moderna e outras formas de produção de saber. Boaventura de Sousa Santos denomina tal tensão *pensamento abissal*, que os movimentos sociais e as epistemologias do sul vêm contribuindo para superar.

O Capítulo 4 é aquele que traz maior intensidade de discussão teórica e análise, dialogando mais intensamente com os conceitos cunhados por Boaventura de Sousa Santos e que se mostram relevantes para a compreensão do Movimento Negro e a tensão regulação-emancipação na construção de uma pedagogia pós-abissal. Aqui, a pedagogia das ausências e das emergências é um dos aspectos apontados pela autora para a compreensão de ambos os polos, da regulação (Estado, mercado e comunidade) e da emancipação. Ao analisar os saberes produzidos pelo Movimento Negro a partir da perspectiva da *ecologia de saberes*, tão basilar na obra de Boaventura de Sousa Santos, Gomes (2017) identifica alguns dos seus principais tipos: saberes identitários, políticos e estético-corpóreos, estando esses pilares intrinsecamente ligados.

O debate sobre raça, por sua vez, ainda é permeado por diversas dificuldades que precisam ser cada vez mais ampliadas e discutidas, por isso, a resignificação do termo se mostra positiva. A denúncia do racismo, exemplifica Gomes (2017), cresce cada vez mais nas redes sociais e ganha novos ares até mesmo no campo político. Segundo a autora, hoje, constata-se haver uma maior visibilização da negritude na sociedade brasileira. Essa questão está intimamente ligada com os saberes políticos, que dizem respeito à conquista de políticas públicas, a exemplo das Leis nº 12.711/12 (cotas sociorraciais nas instituições federais de Ensino Superior) e 12.990/14 (cotas nos concursos públicos federais). Tais conquistas vão além do campo das relações étnico-raciais, reverberando nas questões de gênero, juventude, entre outras.

A corporeidade e a estética assumiram centralidade no Movimento Negro, sobretudo nos últimos anos. A questão cultural, que está ligada aos símbolos e ao corpo passa por mudanças necessárias e a presença da(o) negra(o) em espaços nos quais antes não eram reconhecidos é resultado das lutas políticas. Desse modo, os saberes estético-corpóreos “dizem respeito não somente a estética da arte, mas a estética como forma de sentir o mundo, como corporeidade, como forma de viver o corpo no mundo”, enfatiza Gomes (2017, p.79)

O Capítulo 5, portanto, afirma que a questão da corporeidade faz parte de uma demanda histórica do Movimento Negro. Atualmente, a juventude negra passa a assumir seus cabelos afros nas redes sociais, em canais de YouTube com maior frequência. O corpo negro, historicamente regulado pela sociedade, ganha outras expressões positivas, mostrando as conquistas dos últimos anos em termos de representatividade política, identitária e estética. Contudo, isso não significa que exista total aceitação desse corpo negro. Para Gomes (2017), existe o corpo dominante e o dominado, onde estão presentes os estereótipos do negro que continuam em circulação na Indústria Cultural.

No Capítulo 6, aproximando-se do final do livro, Gomes (2017) afirma que existiram momentos de regulação emancipatória no Brasil, mas lembra que eles não têm uma linearidade. Embora o país comemore uma data oficial que simboliza a abolição do povo negro no Brasil, não se pode esquecer suas lutas emancipatórias anteriores e após 1888. Nossa falsa abolição é marcada por uma não tão evidente emancipação do corpo negro e o Estado tem contribuído para a perpetuação do racismo estrutural. Nessa direção, as ações afirmativas, buscam garantir ao povo negro determinados espaços que lhes foram negados historicamente. Com a maior inserção de negra(os) nas universidades, nos institutos de pesquisa e no mercado editorial, a produção de conhecimento articulada ao Movimento Negro cresce quantitativamente e qualitativamente, levando a produção do saber a outro nível de debate.

A autora finaliza seu livro questionando:

- O que nos falta para que o Movimento Negro e outros movimentos sociais aprofundem sua comunicação e sua cumplicidade?
- O que nos falta para que construamos as fronteiras que nos separam baseados na sábia estratégia de fazê-las com muitas entradas e saídas?

Trata-se de uma provocação representativa de um novo cenário político que se apresenta tanto no nível nacional como no global. Como propõe Nilma Lino Gomes (2017) urge que os diferentes atores políticos que protagonizam a luta pela democracia, contra o capitalismo, o racismo e o patriarcado se unam e construam caminhos comuns, sem desconectar-se de suas pautas específicas ou sucumbirem a um universalismo inócuo.

Referência bibliográfica

GOMES, N. L (2017). *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Para citar este artigo:

Norma A – ABNT

ALVES, M. A. S.; ANDRADE, P. A.; OLIVEIRA, S. O. Resenha do livro O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação, de N. L. Gomes. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, n. 22, p. 202-207, 2019.

Norma B – APA

Alves, M. A. S., Andrade, P. A., & Oliveira, S. O. (2019). Resenha do livro O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação, de N. L. Gomes. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 2019(22), 202-207.

Norma C – Vancouver

Alves, MAS, Andrade, PA, Oliveira, SO. Resenha do livro O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação, de N. L. Gomes. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado* [Internet]. 2019 [cited Mar 4, 2019];(22):202-207. Available from: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/1018>